



Redacção e administracção

Praça dos Restauradores  
43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 5 Antonio Gil Cardoso

SUMMARIO: — O Museu Keil. — Notas vagas. — Monte-Pio Philarmonico. — Concertos. — Noticiario. — Bibliographia.

## O Museu Keil

Já por mais de uma vez se alludiu n'esta revista á conveniencia, á necessidade mesmo, de reunir sob o mesmo tecto e sob a vigilancia e guarda de pessoa devotada e intelligente, os poucos ou muitos documentos d'arte musical que andam esparços pelo paiz, na sua maioria abandonados ao tradicional desmazelo e beatifica indifferença dos nossos costumes e quasi todos ameaçados pelas contingencias do extravio ou da ruina.

Nunca se curou em Portugal, como se tem feito em outros paizes cultos, de colligir as musicas raras, os autographos de artistas, os instrumentos adoptados nas diversas epochas — tudo subsidios do mais alto valor historico que em parte alguma se dão ao desbarato, antes são guardados e defendidos com religioso cuidado e amor.

Concretisar esses elementos tão interessantes para o estudo do nosso passado musical não era no emtanto nem empreza difficil nem dispendio oneroso.

Fallou n'isso a *Arte Musical*, alguém mesmo d'esta redacção se abalançou a diligencias mais directas e mais praticas... perdeu-se positivamente o tempo.

No nosso paiz os assumptos d'arte são sempre encarados assim e aquelles que podiam e deviam dar-lhe impulso ou se fecham n'um silencio que desnortêa os melhores enthusiasmos ou nos desabam um sorrisinho, todo feito de desdem e de finura, a dizer-nos: — Amigo, que me interessam as tuas utopias? Trata-me das eleições, se queres ter direito á minha attenção...

E' certo porem que nem todos se resolvem a occupar-se de... eleições; os que preferirem, por exemplo, estudar as evoluções por que tem passado a nossa arte ou queiram reconstituir algum recanto curioso da nossa vida artistica, ver-se-hão seria-

mente embaraçados e, não raro, profundamente desilludidos.

Aparte os alvarás e velhos codices archivados no Tombo e sempre de custosa e demorada busca, aparte uma que outra peça d'arte subtrahida por milagre á guloscima estrangeira, é uma verdadeira lastima o modo como entre portuguezes se cuida de conservar os padrões mais valiosos das eras antigas e muito em particular os que directa ou indirectamente prendem com a historia da musica no nosso paiz.

D'essa indifferença, antes criminoso desleixo, com que são geralmente abandonadas entre nós as cousas do passado, resulta naturalmente uma serie de problemas historicos, que a tenacidade e bem orientado esforço de alguns investigadores nem sempre tem logrado resolver.

E ante uma tal carencia de subsidios, não é raro que os mais animosos trabalhadores se extenuem na lucta e a abandonem, descorçoados.

\*

O que o estado, com tão poderosos meios de acção e com recursos tão variados, não tem querido ou não tem sabido fazer, fel o um homem só, cheio de iniciativa e de vontade, tão amoroso da propria arte, como perito e profundo em todas as suas manifestações.

A complexidade das aptidões artisticas de Alfredo Keil é por demasia conhecida para que nos detenhamos em uma ociosa apresentação.

As suas brilhantes qualidades de musico e de pintor eram já mais que bastantes para o tornar inconfundivel no nosso meio artistico; mas parece que o seu vasto espirito, sedento de producção, no nevrosismo e na ancia de alargar o horisonte dos seus ideias, se não contentava ainda com o que para tan-

tos seria o apice da gloria, o ponto final e culminante das mais nobres aspirações.

Fez-se archeologo.

Não d'esses archeologos caturras e gue-delhudos que nos prendem meia hora junto a uma pedra lisa do tempo dos phenicios ou nos obrigam a extasiar deante d'um incunabulo mal cheiroso e tracento. Nada d'isso.

Alfredo Keil, o inspirado compositor da *D. Branca*, da *Irene* e de tantas outras formosas musicas, o pintor delicado que com tão exacta esthesia nos traduz as mais sublimes paginas da natureza, o artista que firma partituras e telas com tão clara comprehensão das ideias modernas, não podia desdizer, na nova phase da sua vida, da configuração artistica em que se tem sempre orientado, phantasiosa e elegante.

Assim no museu Keil, confinado em tres salas de ambito ainda acanhado para conter tantas maravilhas, accumulam-se as mais variadas e opulentas riquezas do passado.

Os trajos sumptuosos, as armas, os adornos e joias de toda a especie, os relógios, as caixas de rapé, as illuminuras, os azulejos preciosos, os moveis delicados, os quadros, as chaves raras, os botões, as moedas, as miniaturas — são outras tantas collecções de per si interessantes e ricas que atrahem por longas horas a attenção do curioso e do artista.

Mas só dos instrumentos musicos nos occuparemos, pois esses constituem, para as nossas predilecções e talvez tambem para as do proprio colleccionador, a parte mais bella e por ventura a mais instructiva de todo o museu.

Conseguiu Alfredo Keil reunir até ao presente 250 peças, algumas d'ellas da maior raridade e belleza.

Não se pôde, n'um rapido *aperçu* de jornal, nem dar a medida do alto valor intrinseco e estimativo de tão valiosa collecção, adquirida sabe Deus á custa de que fadigas, dispendios e pesquisas, nem tão pouco, de tão variados elementos e de tão ricos materiaes, colligir a profunda lição de historia que ali ha a aprender.

O catalogo que Alfredo Keil tem em via de publicação fornecerá sem duvida utilissimos esclarecimentos e poderá estabelecer a base mais solida para os estudos d'essa natureza. Nós outros limitamo-nos a apontar as peças que pudemos fixar em uma rapida visita que fizemos ao Museu, onde nos guiou a proverbial gentileza do feliz possuidor de tantas preciosidades.

A *Chrotta*, que figura na estampa sob o numero 2, é um dos instrumentos que nos

despertam logo a curiosidade — não pela extrema antiguidade da factura, pois não vae alem do seculo XVIII, mas porque representa e reproduz o Proteo da arte instrumental, o veneravel antepassado do violino. (1)

Entre os mais vetustos instrumentos da collecção, importa mencionar uma *Viola da braccio* e um *Quintão*, ajoujados sob o peso de seculos, uma das *Trombetas marinhas* (2), pois ha duas na collecção Keil, uma velha *Cithara* italiana de 7 cordas, uma *Flauta doce*, que tem o numero 1 na gravura que acompanha este artigo, e duas pequenas *Régales* ou órgãos portateis do seculo XVI que são dos mais preciosos *bijoux* do museu.

Os specimens dos seculos XVII e XVIII são numerosissimos e alguns d'elles da maior raridade e belleza. O *Cistro*, o *Alaúde*, o *Archialaúde*, a *Theorba*, a *Cithara*, a *Archicithara* (fig. 3), o *Colachon*, a *Pandora*, a *Lyra-guitarra*, todos se acham ali representados a disputar primasias na elegancia das linhas e na opulencia dos marchetes.

Não faltam tambem os mais modernos representantes d'essa aristocratica linhagem: os *Bandolins*, de que ha uns cinco typos e entre elles um *Vinaccia* de 1794, a *Bandoleta*, o *Machete*, as *Violas francezas*.

A collecção das *Harpas* é primorosa; são 8 modelos, qual d'elles o mais interessante.

Uma d'essas harpas, de uma extrema raridade, tem o tampo curvo e é desprovida de pedaes; outras ha assignadas por Nadermann, por Cousineau, por Erard nos seus primordios.

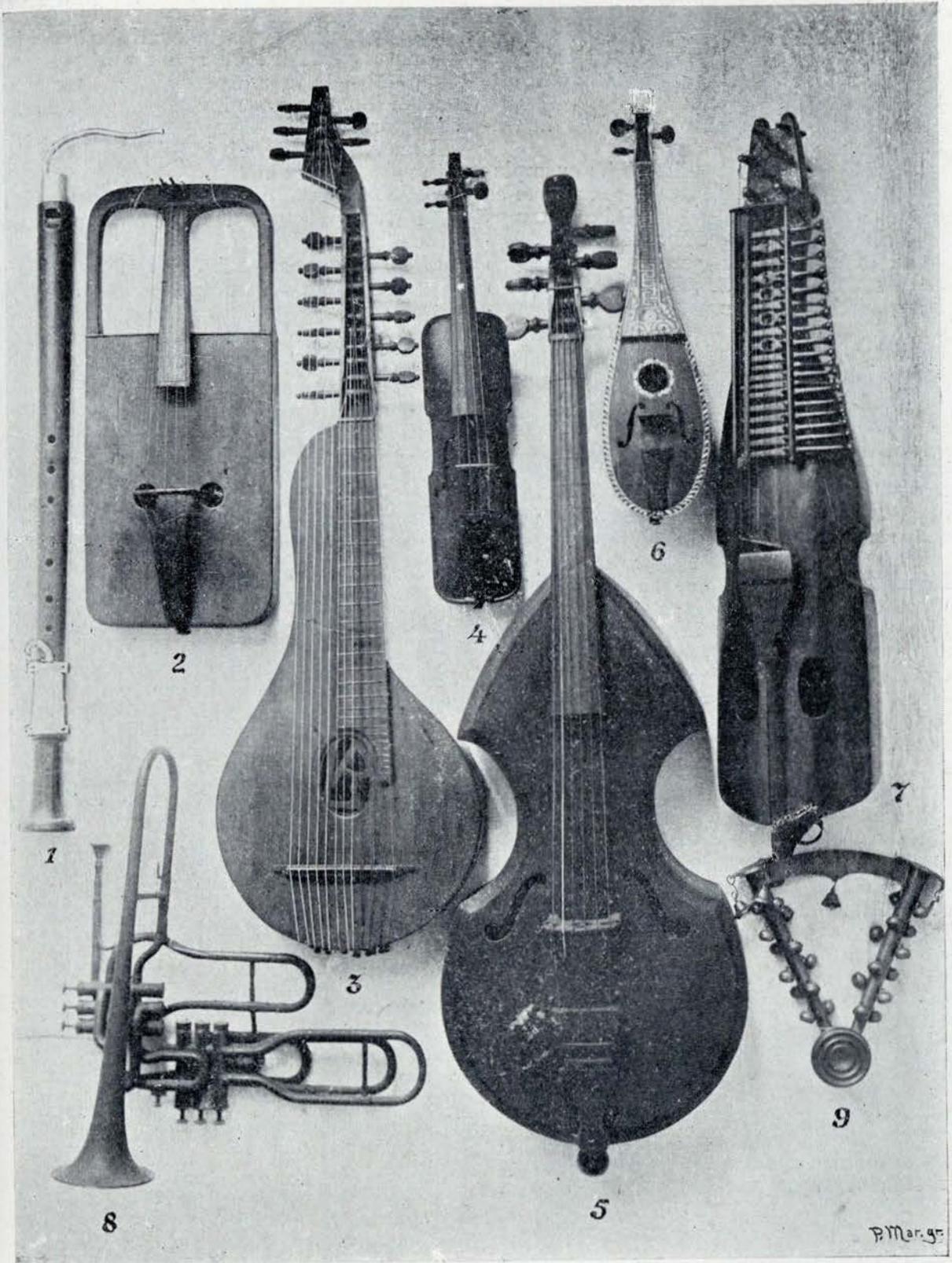
Uma *Arpanetta* de 1701, com dois tampos harmonicos, tambem é muito curiosa e rara.

Os *Psalterios* do seculo XVIII e o *Tympanon* da mesma idade são magnificos exemplares de instrumentos de cordas percutidas.

Quanto ao *Piano* e seus antepassados estão soberbamente representados nas salas do illustre artista. Vemos ali nada menos de cinco *Clavicordios*, uma *Espineta* italiana de 16 8, dois *Cravos de pennas* lindamente decorados, uma *Virginal* do famoso Ruckers, um *Cravo de martellos* e um pequeno exercito de *Pianos* antigos, na maior parte horisontaes, a darem nos uma ideia nitida do que seria o instrumento hoje universal nas primairas eras do seu fabrico.

(1) O nosso jornal publicou uma promenorizada noticia sobre a *Chrotta* no n.º 51.

(2) A *Trombeta marinha* é descripta no n.º 139.



— Flauta doce. 2 — Chrotta. 3 — Archicithara. 4 — Rebeca de viagem. 5 — Baixo de viola. 6 — Rebec  
7 — Nickelharfe (Suecia) 8 — Trompette Sax. 9 — Lojki (Russia)

P. Mar. 95

A *Virginal* de Hans Ruckers, celebre constructor antuerpiano do principio do seculo XVII, é com certeza uma das perolas do museu, pelas delicadas pinturas que a revestem e pela encantadora sonoridade que ainda conserva.

Mas vejamos as outras familias instrumentaes.

Na dos instrumentos d'arco ha exemplares do mais elevado interesse e, á parte as duas vetustas violas que já citámos, temos ainda a apontar uma *Viola d'amôr* de Carcassi, uma *Viola de gamba* de fabricação allemã, tres *Baixos de viola*, e entre elles o lindo e esbelto instrumento que vem rubricado com o numero 5 na nossa gravura, uma *Lyra de gamba* cuja forma pode o leitor curioso apreciar no nosso numero 121 (1), um *Gran Basso* do veronez Barbieri e, n'um grande contraste de dimensões, as minusculas *Pochettes* que os mestres de dança occultavam na ampla algibeira da casa, quando iam ensinar ás nossas avós-nhas as pavanas e os minuets dos bons tempos.

Tambem lá vemos o *Rebec* ou *Giga* dos menestres (fig 6), a invocar-nos as telas mysticas de Cima da Conegliano e de Bellini, e a *Sanfona*, tão dilecta das preciosas do seculo XVIII e tão fundamente desprestigiada mais tarde.

No dominio dos instrumentos de sôpro, ha uma grande variedade de typos e modelos que se reportam ao seculo XVIII — *Flageolets*, *Flautas*, *Oboés*, *Fagotes* — e até um *Cornet á bouquin*, (2) de mais provectividade, e representante medieval do venerando *Shophar* dos hebreus, que ainda hoje se vê nas synagogas e de que tambem existe um curioso specimen no museu Keil.

Sem sahirnos do mesmo periodo archaico, temos a nota monastica em um veneravel *Serpentão* do seculo XVII e a nota marcial e festiva nos *Clarins* e *Tambores* do seculo seguinte.

Se já é tão larga a lista das preciosidades do passado, e bem incompleta a deixamos, o que haveria a dizer dos specimens mais frequentes, mas tambem muito interessantes, do nosso seculo?

Todas as familias instrumentaes da actualidade ali se acham mais ou menos representadas e só a citação nominal dos diffe-

rentes modelos nos tomaria quasi uma columna.

Não resistimos porem á satisfação egoistamente patriotica de apontar alguns instrumentos de marca portugueza, que mais podem interessar aos investigadores da nossa historia artistica.

Uma *Rebeca* de Diniz já foi aqui citada. (1) E' muito curiosa uma outra de faiança, toda ornada de graciosas pinturas e assignada pelo nosso famoso ceramista Wenceslau Cifika. (2)

Uma *Guitarra* attribuida a Galvão e um *Violoncello* com a etiqueta quasi illegivel teem de ser postos de remissa até se averiguar da sua exacta origem, mas ha em compensação um jogo de *Flautim*, *Flauta* e *Clarinete* assignados por Haupt, outro identico com a marca Silva (3), assim como um *Corn'inglez* d'este ultimo fabricante, uma *Corneta de chaves* com as iniciaes P. R. e ainda um *Clarinete* de typo reduzido e com a curiosa assignatura de Antonio Francisco (na Portella de Bemfica).

Para o estudo da ethnographia musical e analyse comparativa das tendencias artisticas de cada povo, tambem este genero de museus tem uma alta importancia e valor.

E' certo que Alfredo Keil não fez consistir a principal especialidade da sua collecção nos instrumentos caracteristicos das diversas regiões europeas e extra-europeas, de que se veem os mais variados exemplares nos museus do estrangeiro. Mas tem ainda assim numeros valiosos, que não deixaremos de mencionar n'esta rapida resenha.

Um dos paizes que se acham mais ricamente representados é a Russia, com os seguintes instrumentos: a *Balalaika*, bandomolim de forma triangular que é dos mais populares na Russia, a *Torbane*, especie de theorba usada na Ucrania, a *Domra*, pequena cithara de costas bombeadas, o *Kantéle* da Finlandia, o *Gousli* empregado especialmente no districto de Kostrona e finalmente o *Lojki* que usam os cavalleiros cossacos e cuja forma pode ser apreciada na gravura que acompanha este artigo.

Da Suecia e Noruega temos a *Nickelharfe*, tambem reproduzida na mesma gravura sob o numero 7, a *Rebeca d'Hardanger* e o *Langleik*.

A Inglaterra dá-nos a *Bagpipe*, especie de gaita de folles muito empregada pelos aldeãos de certas provincias.

(1) A pag. 16.

(2) O *Cornet à bouquin* é de madeira torneada e coberto de couro. Tem um bocal como os modernos instrumentos de cobre.

Os instrumentos mais graves da familia, e está n'esse caso o de A. Keil, tem a forma sinuosa.

(1) Numero 143.

(2) Não se conhecem senão duas.

(3) Fabricante do nosso tempo, cujo estabelecimento era na Praça Luiz de Camões.

Dos instrumentos populares francezes citamos a *Espineta dos Vosges*, o *Tambourin* e a *Chirula* do Bearn e o *Biniou* bretão, qual d'elles o mais interessante.

A Italia não nos fornece grande contingente — a popular *Piffera*, a *Zampogna* dos Abruzzos e uma especie de *Flauta de Pan* que Alfredo Keil nos diz uzar-se na Lombardia.

O nosso paiz tem, como de justiça, mais larga representação e se nem todos os instrumentos populares portuguezes ali figuram, é certo que o nosso *folk-lore* nacional n'este campo especial da sua acção, não tem muito de que queixar-se.

O *Cavaquinho* e o *Machete* das ilhas, a *Viola* de Braga, a *Gaita de folles* transmontana, a *Guitarra* alfacinha, o caracteristico e curioso *Tamboril* e *Gaita* do Alemtejo, o poetico *Adufe* que o paganismo punha na mão das suas sacerdotisas e que a nossa mulher dos campos já se vae esquecendo de tanger, eis o que de mais genuinamente portuguez e popular se pode admirar no museu instrumental que temos rapidamente descripto.

E só nos falta uma unica secção, que por não ser a mais instructiva e pratica, não deixa comtudo de encerrar lindas peças de *vitrine* e mesmo alguns objectos que não são indignos da nossa attenção e estudo.

Queremos referir-nos ás curiosidades, aos *bibelots* e a certos inventos que o uso não quiz consagrar, mas que traduzem o esforço, a tenacidade e a paciencia de muitas gerações, a quererem desvendar caminhos novos e rasgar novos horisontes.

O *Violino trapezoidal* de Savart e a *Rebeca* de Chanot <sup>(1)</sup> pertencem a esta ultima cathegoria.

A de faiança, a que já alludimos, uma outra de forma extranha e que se pode desarmar para ser transportada em viagem (fig. 4), são objectos de *vitrine* que nos interessaram desde logo. E a par d'essas, ha muitas outras curiosissimas: — uma *Bengala-flauta*, dois *Flageolets* que cabem no bolso do colete, um *Sinete* e um *Relogio de algibeira* com musica, uma pequena *Caixa* a offerecer-nos o rapé conjunctamente com uma aria, uma *Anneleira* authomatica com dois minuettas, um jogo de *Campainhas* com teclado, um *Heptacordio* do seculo XVIII para dar a afinação aos côros, etc.

E se não pômos aqui um commodo *et cætera*, podem ir longe as citações e correremos grave risco de exagerar as propor-

ções do presente artigo e, o que é peor, tirar o sabor de novidade e de frescura ao interessante catalogo que o illustre colleccionador está preparando.

Acceitem pois os benevolos leitores o aperitivo despretencioso d'estas linhas, emquanto lhes não servem prato mais succulento.

L.



## Notas vagas

CARTAS A UMA SENHORA

LXXII

De Lisboa

Pergunta-me V. Ex.<sup>a</sup>, santa amiga, se as minhas *Cartas para longe* publicadas nos supplementos litterarios do *Seculo* são manifesto programma d'um novo partido social democratico de que eu me haja feito propagandista e arauto; e, sem querer de modo nenhum trazer para estas quietas e orthodoxas columnas o resquicio sequer d'uma apaixonada polemica, mesmo politico-recreativa, devo realmente responder-lhe que não, essas cartas não visam a fins tão altos, e modestamente se limitam a traduzir uma opinão modesta sobre a mais consideravel e mais ponderosa coisa que ainda enthusiasinou cerebros e prendeu corações.

Afóra isso, quando muito, o que ellas procuram é serem sinceras, dizendo, a proposito do muito discutido socialismo, o que pensa quem anda cá na sombra estudando os signos e ouvindo os homens, e sem preocupações politicas nem idéas preconcebidas, firmemente acredita, no entretanto, que a Humanidade caminhará sempre e assim terá de passar tambem por esse novo avatar, que a varios infunde um doentio pavor e a alguns segreda uma risonha esperança.

Se a respeito do mesmo as reservas de Spencer, de Garofalo, e de Molinari por um lado e as theorias de Marx, de Lassale, e de Bakounine por outro, visarem a destruir mais do que as preversões da Sociedade, a propria Sociedade, nem as criticas ousadas ou demolidoras de uns nem as construcções demasiado empiricas ou exclusivamente mechanicas de outros provarão mais do que o vigor intellectual e a intensa e enorme erudição de tão grandes espiritos, e nada se edificará de solido; mas a verdade ir se-ha

(1) Veja-se o nosso numero 163.

fazendo sempre a despeito d'estes e d'aquelles, e as gerações que á nossa succederem, embora conservando na memoria alguns d'esses nomes e d'esses principios, e integrando umas nas outras as, na apparencia, tão contradictorias syntheses de todos, acaso se permittirão concluir diversamente, para por seu turno elaborarem uma synthese tão luminosa e tão larga que venha a responder na terra á mesma bemfazeja e doce pacificação que já a essa hora se haverá feito lá n'essas elyseas paragens entre os que aqui discordaram e agora se entreteem, talvez, refundindo os textos em que dissentiam, para o effeito de d'elles apurarem a suprema verdade, uma das faces da qual eu ousaria interpretar, traduzindo-a na minha descolorida linguagem por estas singelas palavras:

«Lançar em cada alma a semente da bondade e leval-a a florir em lindas idéas e a fructificar em nobres actos; reconhecer um irmão em todo o ser e um lar em todo o tecto; fazer, em summa, da terra um templo e do céu melhor do que um sonho uma realidade: eis o que vos aconselhamos oh humanos; tentae conseguil-o, e não vos preocupeis com o nome, a dar a tudo isso. Melhor ainda, ponde-lhe o que quizerdes, ou o que na occasião mais harmoniosamente soar ao vosso ouvido.»

A tudo isso parte de nós chamamos-lhe agora Socialismo, como outra parte d'antes lhe chamou Christianismo, e ainda em mais distantes regiões Budhismo; deixando de lado, é claro, os stoicos, os essenios, os epicuristas e quantos em summa se teem apaixonado pela sorte tão contingente e tão rude d'esse que appellidaram de rei da criação.

Com o uso os principios gastam-se, e, perdendo o frescor, perdem o effeito; d'ahi a necessidade de applicar pelo menos etiquetas differentes a aspirações antigas, que parcialmente realisadas, guardam sempre bastante para se ir realisando atravez dos seculos.

Nós que não sabemos ver e mal podemos esperar, a custo aprendemos a dominar as nossas impaciencias, e por querermos contemplar, erguida de prompto, a construcção que em mente viemos esboçando, é que, sem attender ao tempo, irrompemos em imprecações que desnorteiam ou em desabafos que fatigam, mas no fundo a indefectivel justiça vigia e impera — e tudo acabará pelo melhor.

\*

Aqui tem, boa amiga em que se resume o meu Socialismo, e como resultante o meu manifesto.

Conforme vê, nada mais anodyno e menos dissonante, consequencia de quem escreve n'uma gazeta musical, e ia jurar que, bem examinadas as coisas, não só V. Ex.<sup>a</sup> mas todas as senhoras seriam francamente socialistas se um lamentavel mal entendido — que aliás fio hade desaparecer com os tempos — não as houvesse indisposto com tão grande e tão luminoso Ideal, a pretexto de que muitos dos seus sequazes não curam do vestuario e mostram ás vezes a barba por fazer, o que afinal se resolve com uma thesoura e uma navalha, — mas esta sem ser de ponta e mola — entendamo-nos.

Emfim supponho que a deixarei socegada com as presentes explicações e que não me fechará a sua linda e preciosa salinha — com medo de que lhe quebre os moveis.

Não, revolucionario e iconoclasta talvez, brutamontes jámais...

AFFONSO VARGAS.

## Monte-pio Philarmonico

Em 10 do corrente, effectuou-se em uma das salas do cartorio dos Martyres, uma reunião dos socios do *Monte-Pio Philarmonico*, afim de entregar uma mensagem ao presidente da direcção transacta, o sr. Julio Taborda, e inaugurar o retrato d'este benemerito artista, a quem se devem os melhoramentos e reformas a que alludiamos no numero anterior.

A mensagem é do theor seguinte:

«Ex.<sup>mo</sup> Sr.

Os relevantes serviços que, de ha muito, tendes prestado á Associação de Soccorros Mutuos *Monte-pio Philarmonico*, especializando a época que a assoberbou na sua maior crise, de Julho de 1903 a 31 de Dezembro de 1904, são dignos de ser perpetuados, pelo fim altruista a que miraram; o saber superar todas as difficuldades, todos os contras que a cada passo surgiam, o atrahir todas as boas vontades, todas as dedicações dos nossos dignos consocios que compuzeram a commissao d'inquerito; o fazer com que todos, em geral, se compenetrassem do estado cahotico e desgraçado a que infelizmente tinha chegado o *Monte-pio Philarmonico*; o inveterar lhes no espirito que era inadiavel, para não ser extincto por ordem superior, o unico baluarte que nos restava, o trabalharmos todos para salvarmos da ruina e da morte o nosso futuro; são serviços tão benemeritos e tão grandiosos que não ha palavras que traduzam o va-

lôr d'este memoravel feito que ficará perpetuado em letras de ouro na historia do nosso Monte-pio, e ainda mais, na da classe musical portugueza.

Salvar o *Monte-pio* das suas grandes difficuldades financeiras, a ponto de ter liquidado com todos os seus credores e isto no pequeno prazo de doze mezes, é a prova mais frizante e mais cabal, do grande valor da obra de Julio Taborda.

Relembrar estes factos é o dever sagrado de todos nós para que fique bem assente a nossa indelevel gratidão, pelo altruismo e dedicação á causa tão nobre que motivou a ressurreição do *Monte-pio Philarmonico*.

Veem pois, os abaixo assignados n'esta simples e modesta mensagem consignar, bem alto, o reconhecimento de que se acham possuidos para com o seu consocio Julio Theodoro da Cunha Taborda, pelo amôr, pelo carinho, pelo disvelado interesse que sempre manifestou pela associação, a que nos honramos de pertencer, pedindo-lhe que n'estas singelas phrases apenas veja reproduzida a nossa immorredoura Gratidão.

Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Julio Theodoro da Cunha Taborda, Dig.<sup>mo</sup> Presidente da Direcção da Associação de Soccorros Mutuos Monte-pio Philarmonico, na gerencia de 1904.

Lisboa, 10 d'abril de 1905.»

A entrega d'este valioso documento, firmado pela grande maioria dos actuaes socios effectivos e honorarios, revestiu o character de uma imponente manifestação de gratidão e solidariedade, merecida quanto possivel, mas que nem por isso devia ser menos lisongeira e agradavel para o illustre professor que d'ella foi alvo.

Foi esta sessão festiva presidida pelo rev. conego sr. Conceição Borges, que expoz em phrase levantada e eloquente o intuito da reunião, enaltecendo as qualidades de intelligencia e honesta perseverança que caracterisam Julio Taborda e lhe permittiram emprehender com notavel exito as reformas tão eminentemente salutaes porque passou o Monte-Pio e radicar no espirito de todos os seus consocios a noção exata do caminho a seguir no futuro.

O rev. Conceição Borges, que era secretariado por Francisco Pereira de Lima e Antonio Taborda, concedeu em seguida a palavra a varios oradores que foram unanimes em tecer ao illustre ex-presidente da direcção do Monte-Pio os mais entusiasticos elogios, que a assembleia sublinhava a cada momento com calorosos applausos.

Usaram da palavra os srs José Cardona, Francisco de Lima, Eduardo de Sousa, D. Angelina Vidal, João Carlos da Costa,

actual presidente da direcção e por fim o proprio Julio Taborda para agradecer a espontanea e calorosa manifestação dos seus confrades e exhortal-os a que prosigam sem desfallecimentos na obra tão arrojadamente encetada.

O retrato do respeitavel artista, assignado pelo photographo Novaes, foi descerrado ao som do hymno nacional e no meio de uma prolongada e estrepitosa salva de palmas.

Uma pequena orchestra de 10 professores executou varios numeros que foram muito applaudidos: as aberturas da *Princesse Jaune* e de *François les bas bleus*, a *Reverie* e *Sérénade* de Georges Hue, o *Minuetto* de Boccherini, *Traïmerei* de Schumann, etc.

Além da consagração, de todo o ponto justa e inadiavel que tudo isso representa, teve esta memoravel sessão uma outra vantagem, de consideravel alcance — a de constituir um poderoso estimulo para a direcção actual e para as vindouras e um suggestivo ensinamento para todos os associados.

Que todos se compenetrem da elevada missão do Monte-Pio, como sendo a unica associação dos profissionaes da musica que hoje existe entre nós e que todos trabalhem por defendel-a e engrandecel-a, taes são os nossos mais sinceros e mais desinteressados votos.



As iniciativas d'arte seria no nosso paiz, ou por falta de coragem propria ou por defficiencia de estimulo alheio, esmorecem sempre ou affrouxam ao cabo de pouco tempo. Poucos ha entre nós que saibam insistir e lutar por uma ideia bôa; menos são ainda os que sabem despreoccupar-se das alfinetadas da inveja e da maledicencia e alienar interesses immediatos para fitar apenas e sem pestanejar os serenos ideaes da Arte.

Entre esses poucos, cabe um dos melhores logares, senão o melhor, ao nosso violinista portuense Moreira de Sá e lá nos está dando mais uma prova da sua tenacidade e felicissima orientação artistica, proseguindo com notavel regularidade as sessões de sonatas que se propoz effectuar no Porto.

Na de 1 do corrente mez, em que se realisou a quarta da notavel serie, tocou a vez ás sonatas de Schubert (op. 137-III), de

Beethoven (op. 23) e de Cesar Franck (em lá).

Os executantes foram os mesmos das outras audições.



O segundo e terceiro concerto de Cesar Thomson tiveram logar em 31 de março e 3 do corrente mez.

Chegamos ainda a suppôr que o grande violinista se produzisse nos ultimos concertos em obras de superior factura e mais dignas de tão notavel individualidade artistica.

Frustou-se-nos a esperança e a simples leitura dos programmas veiu-nos provar que Thomson fez da velha musica italiana ou italianisada dos seculos xvii e xviii a torre de marfim dos seus ideaes, d'onde não quer de forma alguma sahir.

Já nos pesa admittir este genero de exclusivismo artistico e menos o supportamos quando se baseia em uma litteratura que temos por inutil e portanto nociva. Mas o que havemos de dizer se á simpleza de processos, que constituiria talvez o unico interesse da obra original, se vierem sobrepôr, como fantasiosa filigrana, os arrendados de um virtuosismo, que não podemos deixar de classificar de descabido?...

Não fallando das pequeninas peças *de publico*, Cesar Thomson não fez mais que uma incursão fôra do seu dominio dilecto.

Só uma, com a *Chaconne* de Bach o venerando, mas alguém que teve a paciencia de seguir a execução, de partitura em punho, está-nos segredando que por vezes os dois mestres, executante e *executado*, se encontraram na mais flagrante das discordancias...

Estas considerações, que julgamos opportunas e que tem pelo menos o merecimento de ser sinceras, não podiam attingir de fôrma alguma o merecimento do tocador, do tecnico. Esse é verdadeiramente notavel e sobre tal ponto as opiniões não se dividem.

Pena é que todos os nossos violinistas se não quizessem incommodar em ir ouvi-lo, pois estamos persuadidos que, quando não tivessem que aprender, teriam que admirar.

De Luiz Delune, o pianista que acompanhou Thomson a Lisboa, já dissemos o bastante no numero anterior.

A desigualdade da sua interpretação continuou a manifestar-se, dando-nos as cousas mais bellas a par dos maiores disparates.

No ultimo concerto apresentou algumas composições suas, graciosas e interessantes, que interessaram muito o limitado publico que assistia aos concertos.



O concerto da *Sociedade de Musica de Camara* teve logar a 4, com o programma já aqui descripto.



Temos a registrar mais dois bellos concertos do *Orpheon Portuense*, cujos programmas temos á vista.

Serviram de apresentação a dois artistas estrangeiros, *Mademoiselle* Palasara, cantora que dispõe de uma optima voz, volumosa e malleavel, empregando-a com uma fina e justa intuição artistica e o pianista Santiago Riéra primeiro premio do Conservatorio de Paris (1896), cujas qualidades de solista foram tambem muito apreciadas.

No primeiro concerto, que se realisou a 4 no Gil Vicente, *mademoiselle* Palasara fez ouvir a formosa *suite* de Schumann, *L'amour et la vie d'une femme*, varios numeros de Massenet e a *Gallia* de Gounod.

Santiago Riéra tocou o *Clair de lune* e varias outras obras, collaborando tambem n'este concerto os srs. Ernesto Maia, no harmonium Mustel e Moreira de Sá no violino

Na noite seguinte realisava-se o segundo concerto, com os mesmos elementos e com um programma variadissimo, que o publico do *Orpheon* sublinhou com constantes applausos.



Realisaram-se tambem no Porto, a 8 e 9 dois ensaios de discipulos, respectivamente organizados pelos illustres leccionistas de canto e de violino, srs. Francisco Roncagli e Bernardo Moreira de Sá.

E' tal a abundancia de assumpto n'esta secção, que nos escasseia o espaço para dar o costumado *compte-rendu* d'estas duas sessões, que foram muito brilhantes e concorridas, no dizer dos nossos collegas portuenses.



A 9 teve logar um concerto em favor da familia do fallecido cornetinista José Rodrigues d'Oliveira, que nos dizem ter sido fracamente concorrido.

Consta-nos terem tomado parte a Banda da Guarda Municipal, os concertistas D. Francisco Benetó, Wenceslau Pinto e Julio Cesar da Silva, bem como as actrizes-cantoras Bella Dyson Vaz e Dolores Rentini.

Não fomos convidados.



Na noute seguinte realisou-se o concerto annual do notavel professor Alexandre Rey

Colação, perante um auditorio tão selecto como numeroso.

O distincto mestre executou varios trechos de Rachmaninoff, Alkan, Albeniz, Schubert, Liszt etc em que poz a inspiração e *charme* habituaes, sendo alvo de grandes manifestações de sympathia e recebendo varios presentes de discipulos e amigos.

A peça capital do programma era o *Concerto* em mi bemol de Mozart que Rey Colação tocou com a sua talentosa discipula, a sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso que é, como todos reconhecem, uma das nossas mais legitimas glorias do piano.

A interpretação d'este difficil *Concerto* vem confirmar largamente, se de tal confirmação houvesse mister, a reputação artistica com que de ha muito se ennobrecem tanto o professor como a discipula. O acompanhamento, de que se encarregou a orchestra da *Real Academia de Amadores* sob a direcção de D. Andrés Goni, foi judiciosamente feito e nem uma só vez comprometteu o *ensemble* da formosissima obra de Mozart.

Tambem a orchestra executou a abertura da *Gruta de Fingal*, de Mendelssohn, com exito muito lisongeiro.

As srs.<sup>as</sup> D. Gabriella Jardim e D. Carlota Tatti Machado, professoras de canto muito vantajosamente conhecidas no nosso meio artistico, tiveram tambem ensejo de se fazer applaudir longamente nos diversos trechos que cantaram, alguns de infinita belleza e primorosamente interpretados quasi todos elles.

E não ommittamos a sr.<sup>a</sup> D. Christina Mouchet, notavel pianista que não hesitou em pôr o seu bello talento ao serviço. arido e ingrato, dos acompanhamentos e que o fez com indiscutivel auctoridade e proficiencia.



Ha na existencia horas abençoadas. Para nós são aquellas poucas em que podemos esquecer as mil e uma impertinencias do labutar quotidiano, para nos isolarmos n'essa *turris eburnea* da Arte, suprema consoladora de todos os males e eterno balsamo de todas as dôres.

A orchestra Lamoureux veiu trazer-nos um d'esses raros momentos.

Todos a esperavamos com verdadeira anciedade e a elegante sala do D. Amelia, que sob o ponto de vista material não tem sido muito feliz este anno com os seus concertos, engalanou-se d'esta vez com vistosas toilettes e com rostos seductores para ren-

der culto á brilhante orchestra franceza do Nouveau Theatre.

Chevillard e o seu grupo não desmentem a consideravel fama de que vem precedidos. Grande precisão, unidade e disciplina, uma obediencia meticulosa, até por vezes excessiva, ás indicações do compositor, primorosa correcção nos ataques, constante preocupação da côr, sonoridade pastosa e clara nos instrumentos de sôpro, sem haver a mais pequena dureza e finalmente uma grande malleabilidade em todos os naipes, taes são as qualidades dominantes, a nosso vêr, na orchestra Lamoureux.

Camillo Chevillard é um general que comanda as suas hostes com segurança e calma e sem a gesticulação superflua de outros mestres; esse facto não concorrerá pouco para a extrema segurança de toda a execução e para a nitidez maravilhosa de muitas passagens arriscadas, cuja precisão pudemos admirar na sua orchestra.

Marca os tempos no momento justo, como faz tambem Colonne e ao contrario do que vimos fazer a Nikisch, quando aqui o tivemos em 1901. Este ultimo antecedia a pancada e este processo parece ter vantagens para uma determinação mais rigorosa das nuances e para a obtenção de uma unidade mais perfeita nas accentuações.

Mas não é este o momento de discutir esses differentes modos de fazer. Vamos antes passar em revista as diversas obras, que ouvimos no primeiro concerto (12 do corrente) pois só d'esse nos podemos occupar por agora.

Salvando a *ouverture* dos *Mestres Cantores* que por força maior não pudemos ouvir e o trecho de Borodine, *Les Steppes de l'Asie centrale*, que não logrou interessar-nos muito, temos de começar pelo *Apprenti Sorcier* de Paul Dukas, a terceira das peças que figuravam no programma.

Que espirito, que vida, que magnificencia e originalidade de colorido se notam n'este *Apprenti Sorcier*! Nunca ouvimos peça com mais oppostas e variadas scintillações de côr e com maior novidade e brilhantismo de effeitos orchestraes, do que nos apresenta este engenhoso scherzo de Paul Dukas. E' uma verdadeira symphonia de tintas, ás vezes um tudo nada berrantes, mas tão originaes e tão curiosas sempre que nos mantem a attenção sempre presa e o espirito sempre deslumbrado.

Ao nosso lado, uma espirituosa senhora exclamou: «Faz cocegas, esta musica!» E de facto é bem essa a impressão que nos deixam certas passagens da curiosa peça. Fazem cocegas.

A *Symphonia Heroica*, essa veneranda

centenaria, que não tem uma ruga <sup>(1)</sup>, foi interpretada com grande claresa e acabamento, cinzelada por assim dizer nos seus menores detalhes.

A admiravel marcha funebre foi traduzida, na sua emoção pungente, com o sentimento profundo e tragico que caracteriza esta obra prima. O scherzo principalmente foi promenorizado com maravilhosa delicadeza e a temivel fanfarra das trompas no *trio* executada com notavel perfeição.

Ao final pareceu-nos faltar *elan* e carecer de maior viveza e enthusiasmo.

Seguia-se no programma uma peça de Vincent d'Indy, *Le Camp de Wallenstein*, primeira parte de uma trilogia que é das suas primeiras obras em data, e que é considerada tambem como uma das primeiras em pureza e simplicidade musicaes, parecendo-nos effectivamente isenta por completo d'aquelle pedantismo que tão justificadamente se censura a alguns dos modernos compositores.



E' uma obra de grande virtuosidade orchestral e o bello grupo Chevillard traduziu-a com uma *aisance* que mostra bem quanto os notaveis musicos francezes estão familiarizados com as maiores transcendencias symphonicas.

Ha no emtanto um pequeno reparo, que fará sorrir alguns, mas que não deixa a nosso vêr de ter a sua importancia. Porque deploravel economia de pessoal se emprega um unico artista para tocar os pratos e o bombo? N'esta formosa obra de d'Indy, ha que accentuar certas passagens com a vibração estridula e christallina dos cymbalos. Será possivel obter essa sonoridade caracteristica com um dos pratos preso ao bombo? Temos a certeza que o auctor não o consentiria, se ouvisse.

As *Impressions d'Italie* de Gustavo Charpentier, o inspirado auctor da *Louise*, agradaram-nos sem restricções. Nos seus dois numeros, *A mules* e *Sur les cimes*, ambos marcados pelo sello da mais intensa belleza poetica e da mais apropriada côr local, a orchestra Lamoureux foi mais que correcta: descreveu — o primeiro com brio e alegria e o segundo com a languidez e caricia que são a nota dominante em tão suggestiva obra.

Terminava o primeiro concerto com a cavalgata das *Walkirias*, que foi executada com uma bella fuga juvenil, e com a rudeza

selvagem que caracteriza o imponente trecho wagneriano.

Seguiremos as nossas apreciações no proximo numero, visto o prélo nos não consentir mais demoras.



Para o proximo dia 17 está já annunciado o segundo concerto da *Scola Cantorum*, com a audição, tão anciosamente esperada, do *Requiem* de Mozart, sob a direcção do diligente e illustre professor Alberto Sarti.

A 18 dará a sua festa annual o notavel violinista Julio Cardona, devendo ser a peça capital do programma o *Concerto militar* de Lipinsky. Tomarão tambem parte as srs.<sup>as</sup> D. Ilda King e D. Isolina Roque, bem como um grupo de alumnos de Cardona, entre os quaes o sr. Luiz Barbosa, que pela primeira vez se apresenta em publico.

No fim do mez consta nos que tambem fará o seu concerto annual, o distincto violinista da *Sociedade de Musica de Camara*, sr. D. Francisco Benetó.



#### DO PAIZ

Começaremos a dar publicidade no proximo numero a um excellente artigo sobre o Canto nas escolas, firmado por Emilio Lami e escripto expressamente para a nossa revista.

O notabilissimo mestre que todos veneramos e que é o decano dos musicos de Lisboa, em exercicio, foi, como se sabe, um escriptor muito fecundo em assumptos de musica e por vezes temido polemista.

As suas muitas occupações artisticas e as canceiras do professorado que exerce particularmente e na Real Casa Pia com singular auctoridade e com uma energia que os 72 annos, já *sonnés*, ainda tornam mais admiravel, tem-o impedido ha tempos de se consagrar aos trabalhos da penna.

A excepção, hoje aberta em favôr da *Arte Musical*, é uma distincção que muito nos penhora e que agradecemos commovidamente ao illustre artista.



A temporada lyrica do Colyseu dos Recreios principiará em 22 do proximo abril, com a opera *Aida*. Parece que a empresa tenciona pôr em scena com luzimento a opera *Esclarmonde* de Massenet.

<sup>(1)</sup> Complelou effectivamente ha pouco o seu *centenario*, pois foi executada pela primeira vez, em Vienna, em 3 de março de 1805.



Por absoluta falta de espaço, tivemos de supprimir no numero anterior um punhado de noticias e entre ellas uma larga referencia á nossa illustre concertista Guilhermina Suggia.

Segundo correspondencias recebidas de varias cidades da Allemanha e Austria, os concertos da notavel artista teem sido uma entusiastica serie de triumphos.

Em 10 do passado mez foi convidada em Berlim pelo nosso ministro, sr. Visconde de Pindella, para dar na legação um concerto, a que se seguia um banquete de mais de cem talheres.

Foi ao que nos consta uma festa surpreendente, a que assistiram o principe Guilherme de Hohenzollern, primo d'El-rei D. Carlos, todo o corpo diplomatico, os ministros e camaristas particulares do imperador Guilherme e muitas senhoras da melhor aristocracia berlinense.

O concerto foi exclusivamente prehendido pela nossa illustre violoncellista, que acompanhada pelo pianista-compositor Schmalstich, executou varias obras de Svendsen, Herbert, Piatti, Cesar Cui, Klengel, Popper, Saint-Saëns etc.

O principe Guilherme conversou longamente com Guilhermina Suggia felicitando-a pelo seu seductor talento e assignando gostosamente o album de autographos que lhe foi apresentado pela gentil artista.

Os srs. Viscondes de Pindella que lhe manifestaram a mais requintada amabilidade e distincção, offertaram-lhe um precioso annel cravejado de tres *marquises* e quatro grandes brilhantes, bem como uma photographia, com uma captivante dedicatória.

Em Vienna, teve Guilhermina Suggia occasião de tocar com o compositor italiano Leone Sinigaglia, cujas obras apreciou muito, tencionando executal as em Strasburgo e mais tarde em Lisboa.

Em Hamburgo onde obteve tambem um grande exito, foi seu acompanhador o notavel artista Fiedler.

Nos concertos de Praga e de outras cidades onde a musica é cultivada com grande amor, o exito da nossa concertista attingiu os limites do delirio. Assim as propostas de contractos assaltam-a constantemente e alem de numerosas escripturas para a Allemanha, Russia, Italia, França, e Hollanda, tem já contracto firmado para America, onde não poderá talvez ir no proximo inverno pela abundancia de compromissos já creados.

Cá d'este cantinho da Europa, no justificado orgulho de vermos uma artista nossa

tão solememente consagrada pelos centros musicaes mais cultos, felicitamos com entusiasmo a insigne violoncellista e desejamos-lhe o proseguimento da tão gloriosa carreira.



Em 6 d'este mez realisou a acreditada e antiga casa Sasseti & C.<sup>a</sup> uma audição de *Pianotist*, para que teve a amabilidade de convidar-nos.

O *Pianotist* é um apparelho americano, inventado por Klaber, de New-York, e destinado á execução mecanica das peças de piano. Tem sobre as machinas similares a grande vantagem de occupar um limitado espaço por baixo do teclado do piano, de forma a permittir que este se execute manualmente sem remover o apparelho do seu logar.

Tem varios registros, para o piano, para o forte, para o emprego dos dois pedaes e para as modificações do movimento e com o judicioso emprego d'esses registros pode por vezes simular-se o colorido e personalidade das execuções artisticas.

Os srs. Sasseti & C.<sup>a</sup>, a quem felicitamos cordealmente, adquiriram o privilegio para a venda exclusiva d'estes apparelhos.



Com um notavel exame de violino, terminou no dia 5 o seu curso na *Real Academia de Amadores de Musica*, a joven e estudiosa rebequista, menina Camilla Casais de la Rosa.

A principal peça de exame foi o *Concerto* de Mendelssohn, em que a talentosa alumna revelou mais uma vez as suas excepcionaes qualidades de *virtuose* e o excellente methodo de ensino do seu illustre professor, o sr. D. Andrés Goñi.

D. Camilla la Rosa já partiu para Hespanha, afim de reunir-se á sua familia, que como aqui dissemos foi fixar residencia no paiz visinho.



Deixou de ser director da *Tuna Commercial de Lisboa* o sr. Miguel Ferreira, ficando a substituil-o o sr. Ernesto Cyriaco.



Foi muito lisongeira a impressão produzida no imperador da Allemanha pela audição da nossa excellente Banda da Guarda Municipal, que teve ensejo de ouvir mais de uma vez durante a sua curta permanencia na nossa capital.

Durante o almoço de Cintra teve a banda occasião de executar a abertura do *Rienzi* e foi tal o agrado do nosso augusto hospede pela optima interpretação dada á maravilha wagneriana pela primeira banda portugueza que resolveu condecorar o seu illustre mestre, o sr. Antonio Taborda, com a corôa da Prussia, offertando-lhe ao mesmo tempo as respectivas insignias.

Os nossos emboras ao talentoso agraciado por tão merecida distincção.



Esteve entre nós ha dias o distincto violoncellista austriaco, sr. Max Benno Niederberger, de passagem para o Rio de Janeiro, em cujo conservatorio dirige ha annos a classe de violoncello.

Niederberger já é conhecido em Lisboa, pois deu em junho do anno passado na Sala Lambertini um esplendido *recital*, offerecido á imprensa periodica, com exito fóra do vulgar.

E' para sentir que tão apreciavel artista se não dispuzesse agora a dar em Lisboa uma audição publica, em que seria com certeza muito apreciado.



Foram condecorados respectivamente com os habitos de S. Thiago e de Christo os artistas belgas que ha pouco nos visitaram, Cesar Thomson e Louis Delune.



Depois de uma triumphante *tournee* de 20 concertos na America septentrional, acha-se a caminho da Europa o nosso grande pianista Vianna da Motta.

Temos á vista jornaes americanos que enaltecem a fórma brilhante como o glorioso artista executou a *Sonata à Kreutzer*, em que teve por *partenaire* ao genial violinista, universalmente conhecido, Eugène Ysaye. Foi um tão completo exito que tiveram de repetir a obra prima de Beethoven no concerto de despedida, effectuado a 5 d'este mez, entre ovações as mais entusiasticas.

Vianna da Motta vem a Lisboa, onde chegará a 25 ou 26 d'este mez, devendo aqui demorar-se alguns dias em visita a sua extremosa familia.



Do maestro cordovez, D. Cypriano Martinez Rücker, recebemos algumas composições para piano e para canto, bem como dois folhetos de litteratura musical, cuja leitura nos causou o mais vivo prazer.

O maestro Rücker, enteado da distincta harpista, sr.<sup>a</sup> D Josefa Martinez, é director e professor de Harmonia da *Escuela provincial de Cordova*, socio da *Academia de Ciencias, Bellas Letras y Nobles Artes* da mesma cidade, e da *Academia de Bellas Artes* de San Fernando, vice presidente do *Centro Filarmonico Cordobés*, official da Academia franceza etc.

Tem um grande numero de composições para piano, que gozam voga em Hespanha — estudos, valsas, caprichos, masurkas, serenatas.

O seu reportorio vocal tambem é vasto e compõe-se de avultado numero de melodias com texto hespanhol, italiano e francez, tendo escripto alem disso algumas peças instrumentaes de merecimento comprovado.

Entre as obras que temos á vista destacamos uma encantadora masurka, a quarta, que não faria má figura junto ás melhores de Godard, uma linda serenata para soprano, *Duerme .. madre!* e, do album *Bocetos liricos* a barcarola *Rayo de luna* e a melodia *Donde está?* que são dois pequenos primores de musica vocal.

Apreciámos tambem muito um *Minuete* em estylo antigo, para quarteto de cordas e os dois folhetos a que acima alludimos.

Um d'elles, *La herencia de Wagner*, é uma eloquente diatribe contra os maus imitadores do auctor do *Parsifal* e attinge principalmente os que, apezar da dissemlhança de indole e de raça, pretendem seguir as pisadas do grande reformador.

O outro folheto reproduz o discurso de apresentação de D. Cipriano na Academia de Cordova, e tem por thema a apologia da Musica.

O illustre artista cordovez é tambem, ao que nos dizem, um poeta distincto.

*Auras do Monte* é o titulo de uma valsa nova, devida á penna da illustre amadora, que se occulta sob o pseudonymo de *Marie Zeline* e a quem já devemos uma encantadora e original *Valsa militar*.

Recommendamos estas duas novidades ás nossas gentis leitoras.